

ENTRE REZAS E BENZEÇÕES: UM ESTUDO DE FÓRMULAS RELIGIOSAS SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO

Natália de Paula Reis*

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto**

Resumo: Neste artigo, buscamos abordar a construção discursiva de fórmulas religiosas utilizadas por benzedeiros e benzedeiros, verificando a organização desse discurso, bem como sua relação com a exterioridade. Assim, os fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa envolvem a abordagem da Análise do Discurso de linha francesa. A constituição do *corpus* compreendeu um total de quatro fórmulas religiosas, rezas utilizadas por um benzedeiro, morador da cidade de Rubiataba (GO), situada no centro-norte do estado. Constatamos que, a partir das benzeções, os especialistas buscam inculcar crenças, pensamentos e valores na população que crê. Dessa forma, as fórmulas religiosas não são apenas meios curativos para se combater as enfermidades, mas também são elementos que se encontram intimamente ligados à visão de mundo de dada comunidade.

Palavras-chave: Benzedeiros/as. Benzeções. Fórmulas religiosas. Análise do Discurso Francesa.

BETWEEN PRAYERS AND BLESSINGS: A STUDY OF RELIGIOUS FORMULAS FROM THE PERSPECTIVE OF DISCOURSE ANALYSIS

Abstract: In this paper aims we seek to analyze the discursive construction of religious formulas used by benzedeiros and benzedeiros. Also intend to verify the organization of this discourse, as well as its relationship with exteriority. Thus, the theoretical and methodological foundations of the research involve the approach of French Discourse Analysis. The constitution of the corpus comprised written texts (prayers) used by a healer, resident of the city of Rubiataba (GO), located in the center-north of the state. We found that, from the blessings, specialists insert beliefs, thoughts and values in the population that believes. Thus, religious formulas aren't only curative resource to combat diseases, but they are also elements that are linked to community worldview.

Keywords: Benzedeiros/as. Blessings. Religious formulas. French Discourse Analysis.

Introdução

Há, desde as primeiras organizações sociais, múltiplos entendimentos acerca da saúde e da doença. Da mesma forma, busca-se, ao longo dos anos, a resolução dos males do corpo por meio de diferentes práticas, valores, crenças e recursos. Cada período histórico constrói as condições para a compreensão de suas doenças – tanto do ponto de vista material quanto cultural das condutas morais e religiosas. Nesse viés, nota-se que para além do orgânico há uma série de interferências externas para a compreensão do que seria saúde e doença.

Segundo Scliar (2007), a doença, real ou imaginária, acompanha a espécie humana já em seu surgimento e, desde muito cedo, a Humanidade tem se dedicado a enfrentar essa ameaça de várias maneiras. Os problemas do corpo eram concebidos, muitas vezes, do ponto de vista religioso e místico. Hoje, as práticas religiosas ainda se encontram relacionadas à cura de doenças. Por meio de rezas, benzeções e rituais religiosos, pajés, curandeiros e benzedeiros zelam (desde sempre) pelo bem e pela saúde das comunidades.

Nesta proposta, objetivamos analisar rezas, fórmulas religiosas, utilizadas por benzedeiros/as. Para Oliveira (1986, p. 24-25), o/a benzedeiro/a, um misto de médicos populares com rezadores e conselheiros, tem como técnica essencial de trabalho a benção ou benzeção. Benzer, para o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010), trata-se de:

1. “Fazer o sinal da cruz (sobre a pessoa ou coisa), recitando certas fórmulas litúrgicas para consagrá-la ao culto divino ou chamar sobre ela o favor do céu; abençoar.”
2. “Fazer benzeduras”;
3. “Abençoar”

Pretendemos, então, compreender como se constrói o sentido nas fórmulas religiosas e como elas se articulam com a história e a sociedade que as produziu. Considerando-se, ainda, que esses textos se inserem, primordialmente, no campo discursivo religioso, torna-se necessário, também, tratar sobre as particularidades desse tipo de discurso. Logo, tendo em vista a compreensão dessas fórmulas religiosas em sua completude, preconizamos um quadro teórico que aliasse a língua ao aspecto sócio-histórico. Diante disso, este estudo embasa-se na abordagem da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), especificamente nos estudos de Orlandi (1996, 2013), Pêcheux ([1975] 1988, 1997) e Foucault (2006).

Ao realizarmos uma busca no *site* da Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações, foi possível constatar que as práticas de benzedeiros/as já foram objeto de algumas pesquisas. É possível citar, por exemplo, a dissertação de mestrado *Um cotidiano partilhado – entre práticas e representações de*

benzedeiros e raizeiros (SILVA, 2007), que buscou resgatar e documentar esses conhecimentos tradicionais, observando as práticas dos benzedeiros e raizeiros na comunidade remanescente quilombola de Santana da Caatinga. Além disso, o artigo “O gênero oral benzeção: análise e caracterização no contexto contemporâneo” (FÉLIX; GOULART, 2017) procurou analisar e caracterizar o gênero benzeção na atualidade. Nesse último, apesar de os autores também tomarem a benzeção como uma prática discursiva, diferentemente deste trabalho, eles partem da perspectiva da Linguística Textual para traçarem suas discussões, levando em conta o conteúdo temático, a estrutura composicional e as funções sociocomunicativas desse gênero oral.

Essa proposta faz-se relevante na medida em que os estudos já realizados sobre o assunto tendem a abordar não as fórmulas religiosas propriamente ditas como objeto, mas a prática da benzeção. Para além disso, sua validade científica reside, principalmente, no fato de que as pesquisas já realizadas tendem a adotar outros vieses teóricos, diferentes deste estudo. Acreditamos, ainda, que este trabalho poderá contribuir para dar ênfase à premência de reconhecer e valorizar os saberes populares, que são, muitas vezes, marginalizados pela ciência atual.

Metodologicamente, este artigo fundamenta-se em uma análise qualitativa dos dados. A construção do *corpus* se deu a partir da coleta de rezas com um benzedor morador da cidade de Rubiataba-GO, situada no centro-norte do estado, a aproximadamente 200 km da capital, Goiânia. Foram coletadas seis fórmulas religiosas utilizadas por ele no momento das benzeções. Dessas, selecionamos três para a análise.

Este artigo organiza-se da seguinte maneira: i) começa-se por apresentar algumas noções base da Análise do Discurso Francesa; ii) em seguida, é feita uma caracterização da benzeção enquanto discurso religioso; iii) depois, analisam-se as fórmulas religiosas, tendo em vista suas propriedades e marcas formais; iv) por fim, na conclusão, retomam-se as principais discussões desenvolvidas no decorrer do texto, lançando, ainda, futuras perspectivas sobre a temática.

1 Análise do discurso: o entrecruzamento da língua, do sujeito e da história

Os estudos teóricos da AD iniciaram-se na década de 1960, na França, especialmente com Michel Pêcheux. Essa abordagem nasce como uma disciplina do entremeio, posto constituir-se a partir do diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, até então contraditórias: Linguística, História e Psicologia. Articulando essas três áreas, a AD define um novo objeto de estudo: o discurso.

A palavra discurso tem, em nosso cotidiano, várias acepções, ligadas, geralmente, às declarações dos políticos ou às exposições orais direcionadas a um público. Já em alguns estudos linguísticos, o discurso é visto, muitas vezes, como mera transmissão de informação. Essas perspectivas, segundo Orlandi (2013), consideram alguém que fala, referindo-se a algum assunto, baseando-se em um código e em um receptor que capta a mensagem, decodificando-a. Também, há quem confunda discurso com “fala”, na continuidade da dicotomia saussuriana (língua/fala), opondo discurso à língua.

A AD, por sua vez, recusa esse esvaziamento da língua/linguagem – ou seja, vista ora como expressão do pensamento, ora como instrumento da comunicação. O discurso não é simplesmente troca de signos de comunicação, uma vez que

[...] no funcionamento da linguagem que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação (ORLANDI, 2013, p. 21).

Irrompe-se, então, com o que se entendia antes por discurso e língua, trazendo à tona uma concepção não imanente, para além de uma abordagem que se centra na língua, nela e por ela mesma.

O discurso, para a AD, é o efeito de sentidos entre locutores, o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo como a língua produz sentidos por/para sujeitos. Diante disso, vê-se que outros dois conceitos são nucleares na AD: o de ideologia e o de sujeito. Para Pêcheux (1997, p. 160):

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados.

Conforme aborda Pêcheux (1997), o sentido é determinado pelas posições ideológicas constituídas historicamente. Mais, além de haver uma correspondência entre ideologia e sentido, essa é também fundamental na constituição do sujeito. Desse modo, na ótica da AD, o sujeito é atravessado pela ideologia, tendo acesso a apenas parte do que diz, é sujeito de e é sujeito à. Segundo Althusser (s/d, p. 113), “o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para que aceite (livremente) seu assujeitamento”. O sujeito não é, portanto, nem totalmente livre, nem totalmente submetido. Quando pensamos nos discursos presentes em esferas religiosas, por exemplo, vemos que se submete os sujeitos (homens) a um outro Sujeito único absoluto (Deus) e liga-se, muitas vezes, a noção de livre arbítrio à de coerção. Pêcheux, partindo, então, das colocações de Althusser acerca de interpelação do sujeito, reconhece que os discursos são governados pelo que chamou de formação ideológica (FI). Nesse viés, o autor propõe que o sentido é, assim, relacionado a um exterior ideológico demarcado por essas formações.

Articulada à formação ideológica encontra-se a formação discursiva (FD). Como nos explica Pêcheux ([1975] 1988, p. 160), “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. Assim, as FD se relacionam às condições de produção e aos sujeitos que, falando de determinado lugar social, encontram-se também marcados pela ideologia. Dessa forma, segundo Orlandi (2013), em um discurso não só se representam os interlocutores, mas também a relação que eles mantêm com a formação ideológica, e isso está marcado no e pelo funcionamento discursivo. Ou seja, é na materialidade do discurso que se percebem as FD e as FI.

Imbrincada às formações discursivas e ideológicas encontra-se a noção de interdiscurso. Para Pêcheux ([1975] 1988), esse conceito compreende o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas

em função de relações de dominação, subordinação e contradição. Dessa forma, o interdiscurso reside no fato de que o discurso se constitui a partir de um já-dito, na medida em que há traços, nesse discurso, que mostram elementos discursivos anteriores. Em outras palavras, para a AD, o que o sujeito diz é determinado sempre por outros dizeres, ou seja, todo discurso é determinado pelo interdiscurso.

Assim como Pêcheux, Michel Foucault, ao adentrar nas discussões sobre discurso, não leva em conta o sujeito como uma individualidade, como fonte de sentidos. Ambos os autores eliminam o sujeito como causa, origem ou ponto de partida do enunciado. Entretanto, diferentemente da abordagem pecheutiana, Foucault parte da ideia de micropoderes, que ultrapassa a noção de poder do Estado. Dessa forma, como nos mostra Gregolin (2006), em um segundo momento de seu trabalho – denominado de genealogia do poder –, o autor defende que o discurso supõe um campo de saberes, constituídos historicamente em meio a disputas de poder.

Assim, na abordagem foucaultiana o discurso é um jogo estratégico de dominação, um espaço em que saber e poder se entrecruzam e no qual o sujeito ocupa lugar fundamental. Foucault traz à tona a discussão acerca das relações de poder a fim de pensar como os sujeitos atuam sobre os outros sujeitos. Nesse sentido, vê esse sujeito enquanto objeto de saber, de poder e de construção identitária. Segundo Gregolin (2006, p. 59),

[...] pensando o 'sujeito' como uma fabricação, uma construção realizada, historicamente, pelas práticas discursivas, é no entrecruzamento entre discurso, sociedade e história que Foucault observa as mudanças nos saberes e sua consequente articulação com os poderes.

Reafirmando essa relação saber/poder, Foucault, em *A ordem do discurso* (2006), busca apresentar princípios de controle e coerção do discurso, ou seja, procedimentos que evidenciam que em toda a sociedade a produção do discurso é controlada, selecionada e organizada. Dessa forma, determinam-se as condições de funcionamento do discurso, pela imposição de regras e pela satisfação de exigências. O autor enfatiza que as doutrinas (algo extremamente

recorrente na esfera das crenças religiosas) obedecem a essa ordenação dos discursos:

A doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros. A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam (FOUCAULT, 2006, p. 43).

Dessa forma, o jogo discursivo, pautado por uma implementação de relações de saber/poder, proíbe, exclui, limita e interdita os enunciados. A doutrina, junto aos rituais, formam os grandes procedimentos de sujeição do discurso. Em ambos há, conforme aponta Foucault (2006), uma distribuição dos sujeitos que falam, posto que se determina aos sujeitos propriedades singulares e papéis preestabelecidos.

Assim, ao refletir sobre os discursos religiosos, pode-se certamente recorrer às análises de Foucault. No âmbito da Sociologia, esses discursos são também objeto de reflexão de Bourdieu, que discute acerca do poder exercido pela religião na sociedade. Para Foucault (2006), o sistema religioso (assim como outros sistemas – judiciário, medicinal, etc.) é um sistema de sujeição do discurso, na medida em que há nele uma ritualização da palavra, uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam e uma distribuição do discurso com seus poderes e saberes. Nos discursos religiosos também estão contidas características dessa ordem apresentada por ele. Diante disso, nos deteremos, adiante, no entendimento do discurso religioso, tendo em vista, especialmente, a benzeção e as fórmulas religiosas.

2 A benzeção: uma arte pautada no discurso religioso

As práticas da benzeção, oriundas do universo médico-religioso, manifestam-se desde as primeiras organizações sociais. Do ponto de vista histórico, é evidente que o atraso científico e a crença em poderes mágicos capazes de atacar a saúde contribuíram para a perpetuação do ato de benzer. As terapêuticas fundadas no aspecto mágico-religioso são geralmente constituídas por elementos da tradição católica e exercidas por especialistas

intitulados curandeiros e benzedores, que são profissionais de cura cuja técnica essencial de trabalho é a benção, a benzeção, o benzimento. Tais especialistas operam a realidade de cura entre o domínio da religião e o da medicina popular.

Ao lançarmos o olhar para essas práticas populares, é possível notar que, para além da questão médica, pautam-se, principalmente, pelo discurso religioso. No período colonial, por exemplo, curandeiros e benzedores, com suas orações e ervas, supriam, muitas vezes, a ausência de médicos. Dessa forma, esse discurso não se encontra fechado no espaço de templos religiosos e nas formas institucionais da religião, mas espalha-se pelo cotidiano das mais diferentes formas. Para Orlandi (1996), o discurso religioso (DR) é aquele em que se faz ouvir a voz de Deus ou de seus enviados (profeta, pastor, padre), aquele em que há uma relação espontânea com o sagrado.

O discurso religioso constitui um domínio privilegiado para se observar esse funcionamento da ideologia e, entre outras coisas, o lugar atribuído aos sentidos. Dessa forma, ao se levar em conta a vertente pela qual se filia esse estudo, será possível realizar tanto uma análise interna quanto externa das fórmulas religiosas. Conforme Gregolin (2006), a AD nos permite compreender o que o texto diz, como ele diz e por que o texto diz o que diz. Torna-se produtivo, portanto, direcionar nossas análises para as marcas e propriedades do DR, ou seja, para a organização desse discurso, bem como para sua relação com a exterioridade.

Orlandi (1996) destaca, de maneira geral, algumas das características fundamentais do DR. Com base na autora, temos:

- a. Desnivelamento na relação entre locutor e ouvinte – o locutor é do plano espiritual e o ouvinte é do plano temporal;
- b. Não reversibilidade – relação de interlocução é fixada, segundo a assimetria;
- c. Ausência de autonomia – o representante da voz de Deus não pode modificá-la;
- d. Tendência à monossemia – a interpretação da palavra de Deus é regulada, os sentidos não podem ser quaisquer sentidos;

É possível perceber que no DR, diferentemente de outros discursos, não se tem a presença da reversibilidade, ou seja, da troca de papéis. Isso se dá

especialmente devido ao desnivelamento da relação entre locutor e ouvinte que sustenta esse discurso. Essa reversibilidade não é possível na medida em que locutor e ouvinte são afetados por um valor hierárquico – o locutor (Deus) é, de acordo com a crença, imortal, eterno e todo-poderoso; o ouvinte (ser humano) é, por sua vez, mortal e efêmero. Dessa forma, a não reversibilidade nasce da assimetria presente entre locutor-ouvinte. Melo (2017), na mesma perspectiva de Orlandi (1996), ressalta que essa assimetria entre especialistas e fiéis se origina da relação de poder, isto é, da autoridade atribuída aos especialistas religiosos.

Além disso, há, segundo Orlandi (1996), a presença de um mecanismo de incorporação de vozes. Tomando como referência a benzeção, poderíamos dizer que o benzedor se trata de um representante da voz de Deus, legitimado socialmente para reproduzir esse conhecimento. É possível perceber que apenas a ele é destinada tal prática, pois as benzeções e as fórmulas religiosas só ganham significado quando proferidas da voz do benzedor. Assim, mantém-se a distância entre a significação divina e a linguagem humana, uma separação entre o dito de Deus e o dizer do homem:

Quadro 1 – Relação sujeito-sujeitos

Deus (sujeito)	Homem (sujeitos)
Institui, interpela, ordena, regula, salva, condena, etc.	Respondem, pedem, agradecem, desculpam-se, exortam, etc.

Fonte: Orlandi (1996).

Essa assimetria sujeito-sujeitos da qual fala Orlandi (1996) é, muitas vezes, observável na materialidade discursiva, a partir de diferentes mecanismos gramaticais (fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos). Dentre as marcas formais do DR, destacam-se: i) uso de imperativo e vocativo; ii) uso de metáforas; iii) presença de citações em latim; iv) uso de performativos; v) uso de sintagmas cristalizados; e vi) utilização de antíteses. No âmbito textual, manifesta-se a intertextualidade.

Essa perspectiva de Orlandi (1996) corrobora o entendimento da prática da benzeção, uma vez que ela se pauta, na maioria das vezes, pela assimetria entre os planos temporal e espiritual e pela não reversibilidade, como explicitamos anteriormente.

3 Análise de fórmulas religiosas

Conforme temos apresentado no decorrer deste estudo, o princípio básico por trás da benzeção é a ideia de curar por meio de da palavra, da oração, na qual o/a benzedeiro/a é um/a intermediário/a entre Deus e aquele que busca a restauração da saúde. O ritual da benzeção é rico em simbologia. Os especialistas utilizam-se de orações recitadas, sempre acompanhadas por gestos e objetos específicos. Todos os elementos são partes constitutivas de um espetáculo: o local onde se benze, os objetos, as orações e a expressão corporal. Nesse ritual, exige-se, portanto, o domínio de representações simbólicas, por isso, esse discurso se torna opaco para os que não pertencem a essa instituição.

Nesse viés, há determinadas propriedades e marcas linguísticas que corroboram a caracterização do que entendemos por benzeção. A assimetria entre os planos temporal e espiritual e, conseqüentemente, entre os sujeitos, é um dos elementos centrais desse tipo de discurso.

Diante disso, vemos que as noções de formação ideológica e de formação discursiva são fundamentais para a análise. Ideologicamente, as fórmulas religiosas buscam incutir crenças, pensamentos e valores na população que crê. Em relação às formações discursivas presentes nas orações, é possível perceber que os discursos se dão a partir de duas formações discursivas: i) uma, religiosa – a crença de que para haver a cura é necessário ter fé; ii) a outra, médica – a cura poderá ser alcançada caso os fiéis/pacientes cumpram o que lhes foi solicitado.

No quadro a seguir, sintetizamos algumas das propriedades e marcas que puderam ser observadas nas análises:

Quadro 2 – Propriedades e marcas da fórmula religiosa benzeção

FÓRMULA RELIGIOSA <i>BENZEÇÃO</i>	
Propriedades	Assimetria entre os planos temporal e espiritual e a não reversibilidade;
	Dupla sujeição;
	Interdiscursividade
Marcas	Comparação
	Uso do imperativo;
	Representação numérica;
	Intertextualidade;

Fonte: Elaborado pela autora.

Entre os males tratados pelo poder das benzeções encontra-se o quebranto ou mau-olhado. O quebranto trata-se, em suma, de um “olhar ruim”, responsável pela deflagração de forças negativas. Conforme apontam Pereira e Gomes (2018, p. 160), “apanhar quebranto é ser envolvido pela força do olhar – ou pela simples presença – de uma pessoa que assim ‘quebra’ as nossas defesas naturais. É uma força estranha que em alguns indivíduos mantém vibrações capazes de afetar os seres vivos.” Os/as benzendeiros/as empenham-se em tirar o quebranto, por meio de inúmeras fórmulas religiosas, com vistas a restaurar o equilíbrio do corpo atingido pelo olho-ruim:

(1)

Oração para quebrante

Com dois te puseram, com três eu te tiro Pai, o filho e Espírito Santo, as três pessoas da Santíssima Trindade

Tirai este quebrante, este mal olhado pelo amor de Deus

Deixai ela curada, são, como Ele nasceu, como foi Batizado.

1 Pai Nosso 1 Ave Maria

Semanticamente, o especialista afirma que o quebranto trata-se de um mau olhado, inveja, ódio. Acredita-se, nesse sentido, que, sendo o olhar detentor de uma força metafísica, pode também transmitir uma má energia, um olho mau direcionado a outro ser. Quando o benzedor traz, na oração, “com dois te puseram, com três eu te tiro”, podemos observar que o quebrante é colocado por alguém e tirado pelo benzedor por meio das orações. Nesse caso, o benzedor trata-se do sujeito que legitima o discurso, ou seja, apenas a ele é destinada a função de tirar o quebrante – “EU te tiro”.

A materialidade linguística desse discurso constrói-se a partir da omissão dos elementos lexicais olhos (“dois [olhos] te puseram”) e Trindade Santa (“três [pessoas santas] eu tiro”) e da utilização do número três. Segundo Chevalier (1996), o dois é o número da terra e o 3, o número do céu, dizendo respeito ao equilíbrio. Para os cristãos é, sobretudo, a perfeição divina: da mesma forma que somos corpo, alma e espírito, Deus também é três – Pai, Filho e Espírito Santo.

Vemos, portanto, a busca do equilíbrio organicamente ligado ao número três. Essa representação numérica foi recorrente em todas as orações.

Além do tratamento de quebranto, o benzedor empenha-se em conter, pela força imperativa da palavra, o fluxo descontrolado de sangue:

(2)

Oração para estancamento de sangue

São Lucas e São Mateus foi fazer sua casa em Campos, São Lucas levou um golpe e São Mateus com 4 palavras estancou. O sangue fica na veia como Jesus na ceia, sangue fica no seu lugar como Jesus no altar, sangue fica em vós como Jesus por nós, sangue fica em si com Jesus na jica. Amém. Repete 3 vezes Senhora do Amparo, nosso Senhor Jesus Cristo, São Lucas, São Mateus, que estanca este sangue, pelo amor de Deus.

Reze o Pai Nosso e Ave Maria 3 vezes.

Há, na fórmula religiosa apresentada, para além da representação numérica (repete três vezes; Reze o Pai Nosso e Ave Maria três vezes), a presença de outras marcas formais, como a comparação. Nesses casos, utilizam-se as comparações como forma de reforçar o que está sendo dito, buscando, possivelmente, produzir uma maior compreensão para o interlocutor. No excerto (2), o benzedor estabelece essa comparação por semelhança: o sangue deve ficar na veia, assim como Jesus na ceia, e assim por diante.

Além disso, o benzedor usa algumas figuras religiosas importantes, a fim de legitimar seu discurso. Na oração para estancamento de sangue, o locutor cria uma situação enunciativa em que São Lucas e São Mateus têm importância fundamental. Segundo Melo (2017), os santos são alguém que se encontra à parte dos seres humanos comuns e das vivências profanas. Dessa forma, dissociados da materialidade física, para o universo cristão, os santos apresentam-se como mediadores, ou seja, por meio deles é possível alcançar graças junto a Deus, nesse caso, a cura.

Da mesma forma, os rituais envolvendo mordida de cobra ou de qualquer bicho pressupõem a recitação dos nomes dos santos que intervirão na cura (São Bento e Frei Clemente). Nesse caso, o benzedor busca tirar o veneno introduzido pelo bicho, recorrendo a santos protetores:

(3)

Ofendido pela cobra

(será feita no copo da água)

Eis a cruz, Senhor São Bento Patriarca,

Maria José e Senhor São Bento

Jesus Cristo morreu, Jesus Cristo viveu, vivo será

Se sete bicho tiver ofendido essa criatura, o veneno sairá

Se tiver no sangue, sairá pela carne

Se tiver na carne, sai pelo couro

Se tiver no couro, sairá pelo cabelo

Se tiver no cabelo, sairá pelo ar

Isso não há de durar

Rezar 1 Pai Nosso e 1 Ave Maria 3 vezes

Oferece essa oração ao Senhor São Bento

Pede para tirar o veneno dessa criatura, pelo amor de Deus

O portador toma água no lugar do ofendido.

Ofendido por qualquer bicho

(Molhar o dedo na saliva e colocar no ferimento)

Bicho, você não ofendeu esta pessoa, você ofendeu frei Clemente,

se o veneno tiver no sangue, sai pela carne,

se tiver na carne, sai pelo couro, se tiver no couro, sai pelo cabelo,

se tiver no cabelo, sai pelo ar, e isto não há de ser nada.

Nosso Senhor Jesus Cristo, tirai o veneno desta criatura,

deixe ele vivo, assim como nasceu e foi batizado, pelo amor de Deus.

Reza o Pai Nosso e Ave Maria 3 vezes, oferecendo para frei Clemente.

Vemos que as estruturas das orações são, nesse caso, bastante parecidas. Nessas fórmulas religiosas o benzedor recorre ora à água, ora à saliva, com o intuito de curar o paciente. De acordo com Pereira e Gomes (2018), a água pode apresentar um duplo significado na cura da mordida de cobra: acredita-se que ela possa carregar as orações proferidas, deixando o paciente desprotegido ou, por outro lado, pode atuar como antídoto ou força imaterial

oriunda das benesses divinas (água benta). Em “ofendido pela cobra” o significado torna-se positivo, uma vez que, após finalizada a oração, ao tomar a água, o paciente ficaria livre do mal que o teria acometido. Da mesma maneira, na fórmula religiosa “ofendido por qualquer bicho”, a saliva possui o poder de propiciar a reinstalação da saúde – a secreção salivar sai do benzedor e contém uma força biológica sagrada.

Outro ponto de destaque é a presença de verbos no imperativo, que reforçam a ideia de ordem do benzedor em nome de Deus. Destacam-se, no modo imperativo, os seguintes verbos: deixai, tirai, fica, repete, reze, estanca, sai. Para além da função de ordenar, o modo imperativo pode, também, induzir o interlocutor a praticar a ação representada pelo verbo. Desse modo, pragmaticamente, esses discursos levam o outro a uma ação, bem como incutem pensamentos, crenças e regulam comportamentos. A obediência por parte do fiel advém da crença de que ele poderá alcançar a cura caso cumpra o que lhe foi solicitado. Assim, quando o benzedor diz “reze o Pai Nosso e a Ave Maria 3 vezes”, direcionando o fiel para uma ação e estabelecendo uma condição a ser cumprida para que a cura seja alcançada.

Sintetizando as marcas formais presentes nas fórmulas religiosas analisadas, temos:

Quadro 3 – Marcas formais das fórmulas religiosas

Comparação	(1) assim como nasceu e foi batizado (2) como Jesus na ceia, como Jesus em vós, como Jesus no altar (3) assim como nasceu e foi batizado
Verbos no modo imperativo	(1) Deixai; tirai (2) Fica, repete, reze, estanca (3) Reza, sai
Representação numérica	(1) Com 3 eu te tiro (2) Repete 3 vezes; Reze o Pai Nosso e Ave Maria 3 vezes (3) Reza o Pai Nosso e Ave Maria 3 vezes
Sintagmas cristalizados	(1) Pelo amor de Deus (2) Pelo amor de Deus
Intertextualidade	(1) Texto bíblico (São Lucas e São Mateus)

Fonte: Dados da pesquisa.

Além dessas marcas formais, percebemos, quanto às propriedades dessas fórmulas religiosas, a presença do interdiscurso. Este, como apontamos

anteriormente, caracteriza-se pela presença de outros discursos, de já-ditos, ou seja, pela ideia de que um discurso se faz colocando-se em relação a outros discursos. Essa relação interdiscursiva ocorre uma vez que há, nesse caso, um diálogo com o discurso dos médicos. Os benzedeiros, como médicos, receitam orações como se receitassem remédios – reze um Pai Nosso e 3 Ave Marias.

O ritual da benzeção, bem como as fórmulas religiosas apresentadas, é rico em simbologia. Tratando-se de um fazer ritualístico, tudo significa: as orações, os gestos. Em (3), os gestos são colocados na fórmula religiosa no sentido de orientar o benzedor no momento da benzeção (“Molhar o dedo na saliva e colocar no ferimento”). A saliva, aqui, é ressignificada e assume um caráter mágico na medida em que, em contato com o ferimento, poderá ajudar na cura do fiel/benzido.

Diante disso, vê-se que as fórmulas religiosas não são apenas meios curativos para se combater as enfermidades, mas também elementos que se encontram, acima de tudo, intimamente ligados às crenças, aos valores e à visão de mundo de dada comunidade, o que reafirma a compreensão discursiva de que a língua, o sujeito e a ideologia não podem ser concebidos separadamente. O ritual define os gestos, as ações e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso.

Dessa forma, as fórmulas religiosas – assim como a prática religiosa num geral – se constituem a partir da interação, que é, muitas vezes, limitada, pois, determinadas as condições do funcionamento do discurso, impõe-se todo um conjunto de regras sociais que devem ser cumpridas naquele contexto comunicativo. De um lado, há a presença de figuras de autoridade (padre, pastor, benzedeiro/a, etc.) como instância produtora de discursos; de outro, o fiel, como instância de recepção. Conforme traz Pêcheux, esses sujeitos, enquanto sujeitos ideológicos, ocupam um lugar que, para além de físico, é também simbólico, regulado por uma relação hierárquica entre quem produz e quem recebe o discurso.

Considerações finais

Sem qualquer pretensão de esgotar a análise do discurso religioso, observamos que esse tipo de discurso é geralmente pouco estudado. Segundo Melo (2017), isso ocorre, provavelmente, por sua difícil compreensão, já que implica o conhecimento de um vasto intertexto. No entanto, essa questão não inviabiliza tomar o discurso religioso, mais especificamente, as fórmulas religiosas, como objeto de investigação.

Pretendemos, neste artigo, mostrar de que forma se constroem os sentidos em fórmulas religiosas. Procuramos, desse modo, levar em conta a articulação entre o linguístico e o social, ou seja, a estrutura do texto e as condições de produção em que ele se encontra e onde se criam sentidos. Frente às discussões estabelecidas, observamos que o discurso religioso constitui, de fato, um campo privilegiado para se observar o funcionamento da ideologia e, sobretudo, o lugar atribuído aos sentidos.

Em relação às propriedades das fórmulas religiosas, nesses discursos ocorreu, principalmente: i) uma assimetria entre os planos temporal e espiritual e uma assimetria entre os sujeitos – fruto da relação saber-poder delineada por Foucault; ii) aspecto simbólico – opacidade da linguagem inerente ao mundo religioso; e iii) interdiscurso – diálogo com o discurso dos médicos. No que diz respeito às marcas formais, foi possível notar a presença: i) da representação numérica – uso do número três para representar a Trindade Santa; ii) da comparação – utilizada no discurso como forma de reforçar uma prova; iii) de verbos no modo imperativo – ideia de ordenação do benzedor em nome de Deus; iv) de sintagmas cristalizados – pelo amor de Deus; v) da intertextualidade – diálogo com textos bíblicos.

Ao desenvolver esse percurso, constatamos haver uma assimetria entre especialistas e fiéis, surgida da relação de poder instaurada entre as instâncias de produção e de recepção. Nas fórmulas religiosas/benzeções, apenas quem é legitimado socialmente pode reproduzir esse conhecimento. O benzedor, nesse caso, direciona, muitas vezes, o fiel para uma ação e estabelece uma condição a ser cumprida para que a cura seja alcançada.

Diante disso, a prática religiosa benzeção deve ser vista como um fenômeno inerente às relações sociais, sobretudo às questões de natureza ideológica. Tal ofício contradiz a concepção normatizada de doença/saúde

apregoadas pela modernidade. Ou seja, volta-se à tradição, constituindo-se como uma resistência cultural e política à ciência médica contemporânea.

Notas

* Natália de Paula Reis é doutoranda em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, UFG. É mestra em Estudos Linguísticos pela mesma Universidade. Membro do grupo de pesquisa Nelim (Núcleo de Ecolinguística e Imaginário), cadastrado no CNPq.

** Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto é mestra e doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-SP). Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, UFG.

Referências

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Lisboa: Presença, s. d.
- CHEVALIER, J. **El diccionario de los símbolos**. Adaptado por Jose Ollives Pung. Barcelona: Editorial Herder, 1986.
- FELIX, R. L.; GOULART, C. O gênero oral benzeção: análise e caracterização no contexto contemporâneo. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, v. 19, n. 2, jul./dez, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/olharestrilhas/article/view/40149>. Acesso em: 8 maio 2021
- FERREIRA, A. B. H. **Aurélio**: dicionário da Língua Portuguesa. 8ª ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.
- GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso**: diálogos & duelos. 2ª ed. São Carlos: Claraluz, 2006.
- MELO, M. S. S (org.). **Reflexões sobre o discurso religioso**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2017.
- OLIVEIRA, E. R. **O que é benzeção**. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1996.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 11ª ed. Campinas: Pontes, 2013.
- PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1997.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 1988.
- PEREIRA, E. A.; GOMES, N. P. **Assim se benze em Minas Gerais**: um estudo sobre a cura através da palavra. 3ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.
- SCLIAR, M. História do conceito de saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.
- SILVA, G. S. **Um cotidiano partilhado**: entre práticas e representações de benzedeiros e raizeiros. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.